



de Baixo, Vida ao Vivo Show, A Diarista, entre outros. A última vez que trabalhou com o pai foi em *O Belo e as Feras*, em 1999. Suas lembranças de infância são nostálgicas, recheadas de imagens afetivas, sem cenas de pastelão. “Eu era pequeno e frequentava as gravações na [companhia cinematográfica] Cinédia. O *Chico Anysio Show* era lá. Eu ficava vendo aquilo ali, produzia em casa programas em VHS. Claro, bebendo na fonte daquilo que eu via, que era *Chico Anysio Show*, *Viva o Gordo* e *Os Trapalhões*.” Incentivado



PRODÍGIO

1. Mazzeo no colo do pai, Chico Anysio, aos 2 anos; 2. Assistindo a um jogo do Vasco, uma de suas paixões, em 1998, com Chico; 3. Maquiado pela mãe, no início da década de 80; 4. Ao lado de Jô Soares, durante as gravações do programa *Viva o Gordo*

para os fãs do sertanejo. Vieram pedidos de retratação, imolação e todo tipo de ofensa. “Era bem baixo astral. Tomara que você morra”, “seu pai não vai morrer, não?”, ele toma fôlego ao lembrar os insultos e repete a última frase pausadamente, como se procurasse entender os motivos que levariam alguém a escrever uma coisa assim. “Seu pai não vai morrer, não?”

Por falar em pai: Bruno é um dos oito filhos de Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho, o Chico Anysio. A carreira de roteirista começou aos 13 anos, no humorístico *A Escolinha do Professor Raimundo*, comandado por Chico (“Claro que se eu não fosse filho dele, não teria entrado com aquela idade na Globo; ou nem entrado”, ressalta). Com o fim da *Escolinha*, passou para a equipe de redatores do *Chico Total*. Contratado pela Globo, seguiu carreira por outros programas – Sai

ponta de orgulho. Formado em jornalismo, nunca exerceu a profissão. “Eu faço humor, mas poderia estar fazendo uma mesa, entrevistando alguém, dirigindo um táxi. É muito trabalho para pensar nas cenas. Por isso não sou de ficar fazendo piadinha, porque para mim é trabalho. Eu tenho que sentar e pensar: agora tenho que fazer um texto engraçado.”

Além do *Cilada.com* e da série para a Globo, ele investe cada vez mais em seu lado produtor (em uma parceria com Augusto Casé). Planeja rodar no segundo semestre o longa *E Ai, Comeu?*, baseado em peça de Marcelo Rubens Paiva. Ainda não sabe quando, mas precisa juntar os textos de seu finado blog – que teve durante dois anos – e lançar o livro *Os Textos Que Escrevi de Graça*. No teatro, lugar em que conseguiu boa bilheteria e crítica com a peça *Enfim, Nós*, Mazzeo também quer levar a

cabo uma comédia em que contracenem com Lúcio Mauro Filho. “Eu sou muito positivo. Não falo ‘se’, eu falo ‘quando’. Quando eu ganhar o Oscar, eu vou agradecer em português. Entendeu? Se está lá, é possível. Não que eu vá trabalhar pra isso ou me frustrar, mas é o topo aonde poderia chegar: um artista ganhar o Oscar.” E ele sonha com tanta vontade que é até possível imaginar a estatueta dourada enfeitando a mesa do almoço.

A O CONTRÁRIO DE SEUS PARES, BRUNO Mazzeo exclui de suas ambições fazer comédia stand-up. “Não me atrai nem como artista, nem como público”, diz. “Porque na minha cabeça eu teria feito stand-up há 20 anos. Hoje em dia eu tenho mais o que fazer. Fazer stand-up seria um retrocesso.” No Brasil, a comédia em pé sofreu um boom com a presença de nomes desse formato na TV. Nos últimos anos, o país parece ter formado mais comediantes de stand-up do que médicos ou engenheiros. “Stand-up ganhou um valor no Brasil que só aqui ele tem. No mundo inteiro é uma coisa para iniciante. O cara não tem onde mostrar o trabalho dele, aí ele vai no bar, mostra o trabalho, vira um seriado de TV e larga o stand-up”, explica Mazzeo, ao se referir aos astros de Hollywood e da TV que começaram a carreira se apresentando em pequenos palcos, como Woody Allen, Eddie Murphy, Jerry Seinfeld – e a fila nunca termina. Seinfeld documentou no filme *Bastidores da Comédia* a volta dele aos palcos para fazer stand-up após o fim da série de TV que levou seu nome. O longa mostra comediantes como se fossem neurocirurgiões ou cientistas da Nasa. Encarar uma hora contando causos engraçados não é fácil. Juntar um material inédito, exclusivo e cheio de risos exige tempo, experiência e grande perspicácia. Ao lembrarmos do filme, Mazzeo então recua. Talvez tenha sido duro demais com os colegas. Ou simplesmente percebe que suas palavras podem adquirir uma importância que ele não enxerga. “Ao mesmo tempo acho uma puta coragem o cara chegar ali na primeira pessoa e mandar ver. Não é que eu acho ruim, nem desvalorizo. E muita gente boa faz. Um que eu adoro é o Oscar Filho... eu vi uma vez. Marcelo Mansfield... Uma coisa quase inglesa”, ele completa, baixando o tom.

Bruno Mazzeo perde a piada, mas não perde o amigo. “Se um grande amigo meu se envolver num escândalo que prejudique o casamento dele, eu não vou fazer piada. Finjo que não vi.” Outros temas também são tabus. “Tenho problema para fazer humor com alguns fatos. Essa tragédia na região serrana [do Rio] foi uma coisa que comoveu o país. Não cabia uma piada ali. Pra mim. Mas não critico quem faça.” A conversa naturalmente se dirige ao tema do politicamente correto. “Isso é muito chato. Não é uma censura. Mas tem que aturar a encheção de saco”, acredita. Para ele, não apenas a produção ou as emissoras, mas os próprios artistas também carregam alguma culpa por a TV brasileira estar um tanto careta quando o assunto é comédia. Há quem ria de si mesmo e acabe ganhando uma exposição – ainda que meio torta – gratuita na mídia. O cantor e compositor Jorge Vercilo foi alvo de chacota em quase 50% dos episódios da série *Cilada*. Mesmo assim, não ficou ofendido e topou participar do programa. Mas nem todo mundo vê graça em ser objeto de piada.